

A PRESENÇA DE RACISMO NA OBRA “OS SERTÕES” DE EUCLIDES DA CUNHA

THE PRESENCE OF RACISM IN EUCLIDES DA CUNHA'S WORK

“OS SERTÕES”



AELSON ANDRADE DA SILVA

Graduação em Letras – Português e Inglês pela UNISA – Universidade de Santo Amaro (2002); Graduação em Pedagogia pela UNIJALES – Universidade de Jales (2018); Especialista em Gestão Educacional pela FAISP – Faculdade Interativa de São Paulo (2019); Especialista em Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva pela FACON (2025); Professor de Ensino Fundamental II – Língua Portuguesa – na EMEF José Francisco Cavalcante, Professor de Educação Básica – Língua Portuguesa – na EE Margarida Maria Alves

RESUMO

Conhecer a história do Brasil é de suma relevância para se estudar o desenvolvimento da própria cultura e os alicerces que permeiam os comportamentos e pensamentos humanos no que concerne ao preconceito e racismo. Não são poucas as vezes que uma obra, por ser escrita num dado momento histórico-social, apresenta valores e anseios de acordo com o homem dessa época específica. Sendo assim, a análise da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha cumpre o papel de contribuir para o entendimento de um período em que o sertanejo era visto como um ser inferior e se atribuía a ele toda sorte de atributos pejorativos que estavam, no mais das vezes, no imaginário do próprio sertão, principalmente da elite que percebia o nordestino como povo inferior. A grandiosidade da obra de Euclides retrata, além de aspectos diversos sobre a evolução e os motivos da origem da Guerra de Canudos com riqueza de detalhes, a descrição minuciosa do sertanejo naquele contexto da guerra com ares de preconceito oriundos do pensamento elitista pertencentes ao período denominado Pré-Modernismo. Imprimir uma reflexão que seja uma semente para a desmistificação do preconceito contra o sertanejo é, antes de tudo, obrigação primeira como brasileiro nascido no sertão.

Palavras-chave: Os Sertões; Preconceito Racial; Guerra de Canudos; Sertanejo.

ABSTRACT

Knowing the history of Brazil is of paramount importance for studying the development of its culture and the foundations that permeate human behavior and thinking with regard to prejudice and racism. It is not uncommon for a work, because it was written at a given historical and social moment, to present values and aspirations in accordance with the people of that specific era. Thus, the analysis of Euclides da Cunha's work *Os Sertões* contributes to the understanding of a period in which the sertanejo (backlands dweller) was seen as an inferior being and attributed with all sorts of pejorative attributes that were, in most cases, in the imagination of the sertão itself, especially the elite who perceived the northeasterners as an inferior people. The grandeur of Euclides' work portrays, in addition to various aspects of the evolution and reasons for the origin of the War of Canudos in rich detail, a thorough description of the sertanejo in that context of war with an air of prejudice stemming from the elitist thinking of the period known as Pre-Modernism. Imprinting a reflection that is a seed for the demystification of prejudice against the sertanejo is, above all, a primary obligation as a Brazilian born in the sertão.

Keywords: Os Sertões; Racial Prejudice; War of Canudos; Sertanejo.

INTRODUÇÃO

Não se trata de tarefa fácil entender o preconceito, o racismo, a discriminação, bem como eliminar a ideia de raça considerando-se apenas a cor da pele de um indivíduo. O racismo permeia também as sociedades ditas modernas. Há uma resistência de uma parcela social em extinguir de uma vez por todas o pensamento preconceituoso de raça como superior e inferior. O racismo está presente em todas as camadas sociais por puro desconhecimento entre outros fatores culturais, sociais, históricos.

Alguns cientistas defendem a ideia de que o racismo surge da necessidade inerente do homem de se defender, baseados em diferenças externas entre grupos e indivíduos como cor, nível social etc. e que podem se acentuar de acordo com a cultura ou o contexto em que o homem está inserido.

A meta primordial deste artigo é fazer a apresentação do problema do racismo na tessitura da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Pretende-se, de modo geral (*lato sensu*), analisar os mecanismos textuais impregnados no desdobramento da luta entre os revoltosos da Guerra de Canudos, liderados pelo líder espiritual Antônio Conselheiro, tido pelos seus fiéis seguidores como supremo libertador da opressão e tirania do governo republicano brasileiro e sua atuação na cidade da Bahia, mais especificamente no Arraial de Canudos, palco de luta entre as tropas governistas e o povo comandado pelo semideus Antônio Conselheiro.

A intenção de abordar o racismo na obra *Os Sertões* surgiu a partir do momento em que se percebe que essa é a temática principal apresentada ao longo da narrativa euclidiana. Nela se pode visualizar o papel de servidão e discriminação a que estava sujeito o humilde povo do Arraial de Canudos, marcado notadamente pelo analfabetismo e por crenças místicas. Nota-se também, na obra, que o humilde povo do arraial é considerado sub-raça, o que por si já revela o nosso objeto de estudo e investigação científica.

Para atingir o objetivo a que nos propomos, utilizar-se-á como fundamentação teórica obras que tratam da questão do racismo (*O que é Racismo*, *O Racismo na História do Brasil*), da estrutura antropológica do elemento étnico brasileiro (*Antropologia Cultural*), e outras obras congêneres que versam sobre a temática posta em execução. Como já foi dito na justificativa, não se pretende fazer uma abordagem “*stricto sensu*” do racismo, mas apenas fazer a apresentação do problema e tentar, ainda que em linhas gerais, provar que ele existe. Sem maiores pretensões, espera-se que as conclusões a que chegaremos procurem revelar na sua contextualização a questão do racismo e suas implicações no desenrolar dos fatos ou acontecimentos do vilarejo baiano.

Como fins didáticos e metodológicos, esta pesquisa será composta de três partes distintas. Na primeira, faremos uma abordagem geral do pré-modernismo brasileiro, contextualizando Euclides da Cunha dentro dele; no segundo far-se-á a descrição e a análise da obra e, na terceira, concluiremos retomando aspectos principais fazendo uma síntese do que foi exposto.

O PRÉ-MODERNISMO

Em 1902 inicia-se o Pré-Modernismo com a publicação da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha, período intermediário e “culminou na Semana de Arte Moderna” (CÂNDIDO;CASTELLO, p.7 - 64) em 1922, dando origem ao Modernismo.

Muitos autores não consideram o Pré-Modernismo como um período literário por não apresentar características próprias suficientes para ser considerado como tal. É, antes de tudo, uma tendência estética e temática que recupera algumas concepções provenientes de períodos anteriores como o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo e, por conseguinte, antecipa o sincretismo de tendências adotada pelos modernistas.

O Brasil atravessava um momento de progresso segundo a visão da elite que imitava o modelo de comportamento da sociedade francesa e a República, por outro lado, tinha que comprovar a sua eficiência. Porém, contrariamente ao ufanismo esperado pelo governo, a literatura descreve a realidade nacional e a interpreta de forma crítica e sem ufanismos. Portanto, a arte literária pretende ser concebida como um instrumento da ação social para que o homem possa organizar e aumentar a sua capacidade para tornar o mundo mais fraterno.

Passou-se a valorizar os tipos humanos marginalizados como o nordestino, o morador da periferia, o caipira, o que fez com que se conhecesse dois Brasis através da exploração de uma

temática renovadora. Surge, pois, obras regionais e científicas com uma linguagem simples e despojada, o que fez com que se conhecesse melhor a realidade nacional.

Na poesia, sob influência dos parnasianos, destacam-se Amadeu Amaral, Martins Fontes, Hermes Fontes, Goulart de Andrade e José Albano; sob influência dos simbolistas, destacam-se Pereira da Silva, Eduardo Guimaraens, Homero Prates, Alceu Wamosy, Raul de Leoni, Augusto dos Anjos – poeta mais expressivo – e outros.

Na prosa de ficção, sob a influência do Realismo-Naturalismo, destacam-se Coelho Neto e Afrânio Peixoto; no regionalismo, Simões Lopes Neto, Alcides Maia, Valdomiro Silveira, Afonso Arinos, Hugo de Carvalho Ramos, os inovadores Graça Aranha e Lima Barreto; de análise e interpretação social, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, também regionalista.

EUCLIDES DA CUNHA: VIDA E OBRA

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Santa Rita do Rio Negro, Cantagalo, Rio de Janeiro, no dia 10 de janeiro de 1866.

Durante a maior parte de sua infância, Euclides da Cunha passa longe de seu pai devido ao mesmo se encontrar em dificuldades financeiras e convive mais próximo de seus parentes como a sua tia Laura Garcez que era detentora de uma fazenda chamada São Joaquim. A vida de Euclides torna-se itinerante, com a necessidade de uma educação formal e a presença de dificuldades econômicas, o que criou um distanciamento da figura paterna. Em 1874, é matriculado no colégio do português Francisco José Caldeira e, após três anos, reencontra-se com seu pai, mas devido novamente às dificuldades econômicas, permanece com ele apenas um curto período. Em 1878, passa a morar com a avó paterna e a estudar no Colégio Bahia na cidade de Salvador.

No ano de 1879, retorna ao Rio de Janeiro, vai morar com o seu tio Antônio e passa a estudar Matemática com Benjamin Constant, figura que iria influenciá-lo muito em sua formação.

O movimento republicano há muito já vinha sendo incorporado no cotidiano do Rio de Janeiro e manifestações como o “imposto do vintém” cobrado nos transportes causava grande agitação política no Segundo Reinado. Essas ideias republicanas e abolicionistas muito iriam influenciar Euclides no decorrer de sua vida.

Após a conclusão do curso secundário, dedica-se a estudar Matemática e, em 1866, na busca por uma maior estabilidade e uma possível projeção e ascensão a uma carreira, rumo para a Escola Militar, onde se encontra novamente com Benjamin Constant e dá prosseguimento aos seus estudos matemáticos, embora as aulas ministradas por seu mestre fossem um pretexto para discussões sobre as ideias de Auguste Comte, filósofo e pensador francês do Positivismo Científico.

Euclides sempre desempenhou com êxito todas as tarefas que lhe foram confiadas e atribuídas em vida. Colaborou com publicações no Jornal Província de São Paulo, hoje conhecido como O Estado de São Paulo desde 1889, mas era dono de um temperamento intempestivo, fato esse que se comprovou em 1888, quando comete o ato que lhe renderia fama e, conseqüentemente, sua

expulsão da Escola Militar, pois o rebelde, diante do Ministro da Guerra Tomás Coelho, comete o ato que lhe traria tamanha notoriedade na época, ou seja, em um ato cívico sai da formação de sua fileira em uma inspeção cujo objetivo era conter atos de indisciplina, atira seu sabre no solo e grita: “Infames! A mocidade livre cortejando um ministro da Monarquia” (Peixoto: 1911, p.13).

Com a necessidade de se sustentar, tem uma curta passagem por São Paulo, mas logo retorna ao Rio de Janeiro para cursar engenharia civil na Escola Politécnica, embora seus planos fossem dissolvidos com a Proclamação da República. Esse marco histórico e a transição do regime político propiciaram para que ganhasse notoriedade e respeito diante do ato feito quando de sua expulsão do militarismo e logo se reintegra à Escola Militar, período em que casa com Ana, jovem de apenas 15 anos e filha do Major Sólon Ribeiro.

A partir de 1891, já com Floriano Peixoto na presidência, o país começa a sofrer várias tentativas de golpes e turbulências políticas como a Revolução Federalista e a Revolta da Armada. Euclides não se rende ao fascínio absoluto ao “Marechal de Ferro” e escreve contra os que apregoavam a máxima repressão aos rebeldes revolucionários, ou seja, contra os fuzilamentos sumários. Tal atitude não é bem-vista e é transferido para Minas Gerais. Pede, então, licença do militarismo e enfrenta dificuldades para arrumar emprego. Finalmente, em 1866, encerra-se um ciclo em sua vida e pede para se reformar no posto de Capitão. No ano de 1885, trabalha como engenheiro na Superintendência de Obras de São Paulo, mas também escreve para o jornal *A Província de São Paulo*.

Em 1893, Antônio Conselheiro liderou um movimento religioso com suas ideias, propagando-as pelo sertão, o qual foi o maior obstáculo a ser suplantado pela República Nova. Esse levante mereceu especial atenção por parte de Euclides, que em dois artigos o apresentou como uma conspiração monárquica publicada no Estado de São Paulo em 14 de março e 17 de julho de 1897.

“Como na Vendéia, o fanatismo religioso que domina as almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império. A mesma coragem bárbara e singular é o mesmo terreno impraticável; aliam-se, completam-se. O chouan fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.” (CUNHA, 1966, p.78)

Em quatro de agosto de 1897, partiu para a área de conflito como correspondente do jornal Estado de São Paulo. Como um ávido defensor de ideais republicanos, permaneceu em Salvador por um período de 24 dias e colhe entrevistas e relatos dos que voltavam do conflito e, também, a percepção da população de Salvador perante a chegada de prisioneiros e feridos.

O escritor acreditava que o confronto seria breve e demonstrava extrema confiança nas tropas enviadas para a área de combate, tanto que chegou a afirmar: “A vitória, porém, é infalível e próxima. Viva a República!” (Cunha, E. da: 1897c, II, 494).

Escreveu o Diário de Expedição que registrou de perto todos os conflitos da Guerra de Canudos, base para sua obra *Os Sertões*. Findada a guerra, Euclides retoma o seu trabalho como engenheiro e foi encarregado da reconstrução da ponte de São José do Rio Pardo em 1898 e, embora

não fosse sua afinidade preferida diante dessa profissão, passaram-se três anos até a conclusão de tal tarefa. Também possibilitou tranquilidade para a escrita de *Os Sertões*. Em 1901, ele segue para o Rio de Janeiro à procura de um editor e, após um período de revisão, *Os Sertões* é publicado no ano seguinte.

Em 1903, sua obra já era reconhecida como um possível clássico. Sua primeira edição foi esgotada num período de dois meses e em 21 de setembro desse mesmo ano, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Suas dificuldades financeiras perpetuavam, apesar de sua fama. Em 1904, como uma maneira de obter uma fonte de renda, escrevia artigos para *O Estado de São Paulo*, dos quais muitos foram reunidos e publicados como um livro em 1907 com o título *Contrastes e Confrontos*.

Como grande estudioso de regiões afetadas por conflitos, focou sua atenção para a Amazônia e a situação tormentosa que se encontrava o Brasil e seus países vizinhos como o Peru e a Bolívia. Esse conflito seria dissolvido por intermédio do Barão do Rio Branco através do Tratado de Petrópolis e a anexação do território do Acre ao Brasil. Tais acontecimentos o levaram a se interessar por questões de fronteiras e de diplomacia. Posteriormente, foi encarregado de tratar os estabelecimentos de fronteira com o Peru em oito de agosto de 1904.

A vida do escritor de *Os Sertões* estava cada vez mais agitada e estava ausente constantemente do convívio com sua família que residia no Rio de Janeiro. Em 18 de dezembro de 1906, finalmente toma posse na Academia Brasileira de Letras, que lhe rende mais fama do que retorno financeiro. Começa a sofrer um sentimento de melancolia e insatisfação com o meio no qual vivia.

Em 1909, leciona Lógica no Colégio Pedro II por um período curto e, logo depois, viveu uma tragédia passional. Foi alvejado pelo amante de sua mulher, Dilhermando de Assis, pessoa de sua confiança, no dia 14 de agosto de 1909 após uma intensa troca de tiros, levando-o à morte. Após sua morte, também no mesmo ano, foi publicada uma coletânea de artigos sobre a Amazônia, idealizado pelo intelectual que mais se empenhou em conhecer nosso país.

RESUMO DA OBRA, E MAIS ESPECIFICAMENTE O EPISÓDIO DA GUERRA

A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO - A política da Bahia estava passando por disputas políticas entre coronéis, os quais estavam divididos entre dois grupos: um, liderado por José Gonçalves, e outro, por Luís Viana, governador da Bahia.

A oposição acusou Luís Viana de proteger o Conselheiro em troca de votos, já que quem tivesse o apoio do Arraial teria a eleição garantida, pois os canudenses votavam em quem seu líder

lhes mandasse. Canudos, portanto, deveria ser destruído. Para isso, contaram com o apoio da Igreja que considerava o Conselheiro um fanático; das autoridades republicanas, pois o novo regime era atacado pelo líder religioso constantemente. Com isso, ficou mais fácil manipular a opinião pública acusando os conselheiristas de monarquistas.

A primeira expedição decorreu de um mal-entendido, usado como pretexto para atacar o arraial. O Conselheiro, apressado para terminar a construção da igreja, pediu para seus homens irem pagar a madeira e dizer que se não a levassem logo, eles a buscariam. Foi fácil transformar isso numa ameaça de ataque, principalmente porque havia um juiz de Juazeiro, antigo desafeto do Conselheiro, interessado em instigar um conflito. Portanto, enviou um telegrama ao governador pedindo ajuda contra a invasão. Como não houve ataque nenhum, o juiz mandou o tenente Pires Ferreira e os 100 soldados ao seu comando irem ao encontro de Canudos.

Começaram a travessia pelo sertão inóspito, despovoado, acidentado, cheio de caatingas e sob o sol abrasador. Como seus recursos eram insuficientes, acamparam em Uauá, mas a população local, percebendo a situação, fugiu durante a noite. Ao amanhecer, o exército viu uma grande multidão de canudenses rezando em procissão com uma cruz e a bandeira do Divino. Os soldados abriram fogo contra a multidão, cuja reação foi imediata e inesperada. Pegaram armas, facões, foices e partiram contra a tropa. Os soldados, diante da reação, debandaram. Antes de regressarem a Juazeiro, os combatentes do governo passaram por Uauá e a saquearam para se vingar dos simpatizantes dos canudenses. Com esse resultado, não foi difícil organizar uma nova expedição com a manipulação da religião, da política, do direito e, agora, dos militares.

A SEGUNDA EXPEDIÇÃO - A segunda expedição contava com o contingente de 600 soldados do exército e da polícia da Bahia, com o auxílio de, além de armas tradicionais, quatro metralhadoras e dois canhões. A expedição ficou sob o comando do governador Viana, após a destituição do general Sólon.

O Major Febrônio, otimista, não levou em consideração as condições do terreno. Aguardou por 15 dias na cidade de Monte Santo se organizando para o ataque. Quando passou por Queimadas, deixou aproximadamente 30% da munição, pois achava que não havia motivo para tanta artilharia. Começaram a atravessar o sertão e sofreram com as penalidades do terreno e do sol escaldante. Os canhões retardaram ainda mais a marcha.

Em Canudos, Pajeú e João Grande comandavam os canudenses e os orientava. Antes de chegarem a Canudos, as tropas já estavam cansadas e os carregadores contratados fugiram à noite.

Os confrontos começaram na Serra do Cambaio, a 13 quilômetros de Canudos, e se deu sob os gritos aterrorizadores dos conselheiristas. O Major, diante de tais circunstâncias, decidiu retornar para Monte Santo, mas foram perseguidos durante o dia e a noite pelos jagunços do Conselheiro por aproximadamente 100 quilômetros de estrada.

O exército saiu perdedor e humilhado. Diante de tal fato, a elite resolveu unir forças por meio de inverdades, pretexto utilizado para dar motivo ao extermínio.

A TERCEIRA EXPEDIÇÃO - A terceira expedição partiu sob o comando do coronel Antônio Moreira César, conhecido como implacável pela brutalidade com que tratava seus inimigos. Conduzia 1200 soldados e contava com 73 canhões. Traçou-se o plano de ataque, mas sem levar em consideração a imprevisível região. Os soldados, diferentemente de seu superior, estavam todos apreensivos devido às histórias dos conflitos anteriores na região, ainda mais agora porque os sertanejos já se haviam armado um pouco mais e contavam com um maior número de homens.

O coronel entusiasmado, ao chegar em Canudos, foi a frente de sua tropa para encorajá-la. Como os soldados estavam receosos, o próprio Moreira César resolveu dar o exemplo e avançou pessoalmente, sendo almejado com dois tiros. A tropa bateu em retirada sob a liderança de novo comandante Cel. Tamarindo. Horas depois, Moreira César faleceu e, durante a debandada, morreu também o Coronel Tamarindo, ficando no comando o Major Cunha Matos, que conseguiu chegar a Queimadas.

Ao fugir, o exército deixou todo seu armamento, dos quais se apossaram os canudenses. A decepção da derrota foi grande. Não havia uma justificativa plausível. Com intensa divulgação da mídia, o povo considerava o exército como defensor da pátria e virou-se contra os sertanejos.

QUARTA EXPEDIÇÃO - Antônio Conselheiro ratificava em cada expedição a sua fama de iluminação divina, pois muitos de seus seguidores acreditavam que a força motriz de resistência era a intervenção de Deus e denotavam que seu mestre estava embuído de forças celestiais.

Para o exército, os sucessivos fracassos revelariam a forma de um empobrecimento de seu regime político e também do enfraquecimento da ideologia republicana, pois repercussões como as de Moreira César, rotulada como "infalível", ressoou nos centros urbanos, economicamente mais poderosos, a dúvida de como simples sertanejos puderam alvejar e abater a forte estratégia da força republicana militar. Vários jornais que defendiam uma corrente monarquista, foram destruídos pela população. Dentre eles a *Gazeta da Tarde*, no Rio de Janeiro, e *O Comércio de São Paulo*. Passou-se a gerar uma horda de vandalismo a procura de conservar os ideais republicanos.

Em um ambiente tenso, começaram os preparativos da quarta expedição, em caráter de urgência para salvar a reputação do exército, mas foi feita com total descaso e sem reavaliação das derrotas anteriores. O otimismo era tanto, que fizeram uma comemoração antecipada, pois já contavam com a certeza da vitória.

Prudente de Moraes escolheu para comandar a expedição o general Artur Oscar, que se dirigiu à Bahia para a organização de suas tropas. Essa expedição foi dividida em duas colunas, distribuídas em três brigadas. A primeira coluna foi comandada por Silva Barbosa e a segunda pelo general Savaget. Armou-se um ataque a Canudos com o intuito de dividir as forças do Arraial. Feita a disposição do ataque, o general Savaget seguiu para Aracaju com 2500 homens e, em Queimadas, ficaram 3000 homens para reforçar o ataque que lhe traria, na visão militar, a vitória decisiva.

Depois de dois meses de espera, iniciou-se a marcha com certas restrições ao sertão baiano e se escolheu o caminho que não fosse possível um cerco por parte dos conselheiristas antes da hora prevista para o combate.

Em 20 de julho de 1897, as tropas rumaram para Monte Santo e enfrentaram várias dificuldades, como a falta de pastagem para os cavalos e a escassez de água, força vital para o exército. Consequentemente montaram um acampamento na fazenda Rosário.

A segunda coluna entrou em contato com o inimigo, que economizou munição por estar escondido em pontos estratégicos na Serra de Cocorobó e somente depois de um incessante ataque de baionetas, em que todos os soldados dispararam ao mesmo tempo, conseguiram transpor o desfiladeiro. Diante do sucesso em Cocorobó, Antônio Conselheiro refez sua estratégia e, assim que as tropas levantaram acampamento do Sítio do Rosário em direção ao Rancho Vigário, começaram um ataque súbito com o objetivo de levar o inimigo ao local estrategicamente planejado, onde faltariam provisões. Durante esse caminho, os soldados da segunda coluna viram muitos companheiros mortos e decapitados. Antônio Conselheiro demonstrava todo o seu poderio de resistência. Essa estratégia foi elaborada para que os soldados ficassem em uma posição de mira, com extrema fragilidade para serem alvejados.

Diante da conduta dos sertanejos, foram muitas as baixas do exército republicano, pois devido à necessidade de saciar a fome e a sede, muitos soldados saíam desesperados e eram mortos em tocaias pela força do Arraial.

Em 18 de julho de 1897, o exército reabastecido com provisões conseguiu conquistar uma parte do Arraial, mas a resistência era plena. Artur Oscar pediu reforços em caráter de urgência, para que não houvesse mais uma derrocada. Enviaram reforços com cerca de três mil soldados e mais munições e armamentos.

Os sertanejos defendiam a sua terra sagrada em nome de Antônio Conselheiro e não titubeavam em colocar suas vidas em risco diante de uma causa sagrada. Os tiroteios passaram a ser constantes. O exército tomou um novo entusiasmo com a derrubada das torres da igreja nova, que era o símbolo de resistência dos fiéis. Os militares, por sua vez, bloquearam todo e qualquer reforço ao Arraial para enfraquecê-los diante da necessidade de reabastecimento de suprimentos e de água. A chegada da fome e da sede fizeram com que o combate se tornasse gradativamente mais brutal e, mesmo com a morte do principal articulador, Antônio Conselheiro, contribuiu para que os sertanejos reforçassem a ideia de intervenção Divina, ou seja, a proteção da terra sagrada.

Em outubro de 1897, os militares conseguiram derrotar os sertanejos e apregoaram que todo o conflito foi fruto da insanidade de Antônio Conselheiro.

OS SERTÕES: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

A raça brasileira é formada, segundo Euclides, por três raças: negra, branca e índio que formaram sub-raças que compõem o tipo brasileiro. E prossegue ao afirmar que muitos foram os estudos sobre antropologia sobre essa formação, mas por não se considerar o meio e a história correm o risco de não realizarem pesquisa eficaz, pois não são desvinculadas de subjetivismo e intuição. Um estudo sério e objetivo a esse respeito deve considerar o "meio físico diferenciador e ainda, sob todas as suas formas, as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram" (p.73). Nota-se, com esta afirmação, os primeiros esclarecimentos sobre a importância da influência do meio para Euclides e que reflete o pensamento que permeia por toda a sua obra, principalmente no capítulo referente ao homem.

Para ele, os antropólogos brasileiros, imbuídos de subjetivismo excessivo, cometem um grande equívoco por começarem seus estudos "excluindo em grande parte os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica" (p.76). Compara as definições sobre a formação das raças brasileiras como uma intromissão à ciência semelhante ao ritmo dos "versos de Gonçalves Dias" (p.76). Com isso, ele põe em dúvida as descobertas científicas da época em relação à formação étnica que contrariaram a influência da teoria determinista de Hippolit  Taine (Nelson Werneck SODRÉ, *História da Literatura Brasileira*: faz uma explanação histórica e filosófica sobre a teoria determinista de Taine). A importância do meio na formação de raças se faz presente quando descreve a fase inicial de sua formação.

Para Euclides, não se pode pensar nessa formação sem a influência de condições climáticas, da vegetação e geográficas. Eleva sua crença científica às últimas consequências quando acrescenta que ao tentar se adaptar e ao encontrar condições geográficas adversas, surgem "sub-raças diferentes pela própria diversidade das condições de adaptação" (p.93). Mas fica clara a presença de racismo quando continua sua explicação sobre a formação da raça brasileira e afirma que "além disto (  hoje fato inegável) as condições exteriores atuam gravemente sobre as próprias sociedades constituídas, que se deslocam em migrações seculares aparelhadas embora pelos recursos de uma cultura superior" (p.93). Constata-se que se ele considera a presença de culturas superiores e se essa afirmação fosse verdadeira, dever-se-ia considerar, t b m, que há as inferiores. Ora, essa afirmação vem ao encontro de ideologias raciais que acentuam o preconceito em relação às sociedades que possuem diferenças culturais. Não há, pois, culturas superiores embora apresentem, na íntegra, diferenças consideráveis que englobam vários aspectos, inclusive o econ mico, pois cada cultura possui o seu valor e deve ser respeitada.

Como já foi assinalado, o negro é descrito como alguém que não se impôs e, por isso, aceita naturalmente o serviço escravo. Por isso, segundo o autor, "afeito   humildade extrema, sem as rebeldias do  ndio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial" (p.98). Fica evidente a tentativa do autor de julgar uma raça, no caso a negra, como passiva e humilde e que, contrariamente à outra raça autóctone, simplesmente aceita a função de "besta de carga adstrita a trabalhos sem folga" (p.98). E, como as condições do interior do país não tornavam nada fácil a sobrevivência, o negro preferiu se manter no litoral pois "mesmo em franca revolta, o negro humilde

feito quilombola temeroso, agrupando-se nos mocambos, parecia evitar o âmago do país. Palmares, com seus trinta mil mocambeiros, distava afinal poucas léguas da costa" (p.98). Outro mito é sobre o indígena, o qual permanecia "inapto ao trabalho e rebelde sempre" (p.98).

A história insiste em demonstrar que o índio é preguiçoso e que não permaneceu como escravo por não gostar de trabalhar, pois, segundo alguns historiadores, estavam acostumados com a vida livre e tranquila da floresta. Em se tratando de rebeldia, tanto o indígena quanto o negro reagiram contra a escravidão. Quando se afirmar a rebeldia de uma raça, pretende-se reafirmar a passividade da outra, que é a negra.

O racismo chega ao extremo quando o autor abre um subtópico denominado "um parêntese irritante" (p.113) em que pretende expor, indubitavelmente, a inferioridade do mestiço, ao qual se refere como produto do cruzamento "prejudicial" (p.113), entre raças diversificadas porque "ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior" (p.113), ou seja, além de se admitir que há raças superiores às outras, explica-se a desvantagem da mistura entre raças, pois o resultado desse cruzamento é um indivíduo com características de ambas as raças, a superior e a inferior. Logo, se ocorre muita miscigenação, e se ela pode dar origem a um indivíduo com características também da raça inferior, "a mestiçagem extremada é um retrocesso" (p.113). E prossegue para justificar que "o indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos" (p.113).

Para Euclides, "o sertanejo é um "desequilibrado" (1998: p.113), o que aproxima seu caráter das características anatômicas, com as quais tenta fazer uma correlação pejorativa para comprovar seus pensamentos sobre a inferioridade dessa raça, cuja herança genética, em decorrência das leis biológicas inevitáveis, faz surgir um ser inferior e inconstante moralmente:

"E o mestiço - mulato, mameluco ou cafuzo - menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pelas fatalidades das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida." (1998: p.114)

O sertanejo, para o autor, é uma raça intermediária que, devido ao meio onde vive, o qual lapidou seu jeito grosseiro, procura se adaptar à seca porque não tem "capacidade orgânica para se afeiçoar à situação mais alta" (p.143).

Sua religião é cheia de fetichismo devido às crenças influenciadas pelos negros e pelos indígenas, o que a torna um "monoteísmo incompreendido" (p.143), em que as lendas folclóricas se fazem presentes e se misturam, mas ocupando lugar distinto juntamente com as profecias, as rezas,

as romarias e toda espécie de manifestação cultural de credices e da fé cristã. Portanto, "a sua religião é, como ele – mestiça." (p. 143). Constata-se claramente a tentativa de Euclides de aproximar a religião de um povo humilde às características inferiores dadas por ele ao próprio mestiço conforme citado anteriormente.

Isso demonstra a intensa influência recebida pelas teorias deterministas e positivistas da época e, por outro lado, o seu caráter preconceituoso que retrata, em parte, o pensamento da sociedade da época. Acrescenta ainda que esse misticismo foi herdado no decorrer da história pelas raças que lhe deram origem, das quais recebeu "o antropismo do selvagem, o animismo do africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior na época do descobrimento e da colonização" (p.144).

O catolicismo influenciado e imposto pelos portugueses, os quais resgataram os valores da Idade Média, permanece completamente vivo nas mentes sertanejas, inclusive o mito do Sebastianismo (Sebastianismo: crença surgida em Portugal após a morte de D. Sebastião, baseada na esperança de seu retorno em um "dia de nevoeiro" para restaurar a independência e a glória do reino, com forte caráter messiânico) que já se extinguiu em Portugal, o que comprova, segundo o autor, a inferioridade desse povo e a falta de perspectiva de aprimoramento em consequência da dificuldade de adaptação à civilização tida como superior. As leis biológicas, portanto, não permitem seu crescimento em diversos aspectos e o relega a um nível inferior e estagnado da evolução humana física e moralmente.

"Por isto, como um palimpsesto, a consciência imperfeita dos matutos revela nas quadras agitadas, rompendo dentre os ideais belíssimos do catolicismo incompreendido, todos os estigmas de estado interior" (p.146). Com essa afirmação, pretende-se acentuar a falta de inteligência do mestiço que, por não compreender a religião, altera-a a seu modo de maneira que atenda suas necessidades e perspectivas, o que a transforma em uma religião marginalizada e inferior, semelhante à própria raça que a cultua e que também simboliza mentalidades e costumes selvagens. Com isso, o pensamento euclidiano vai de encontro ao respeito pela riqueza de uma cultura e de um povo que ajudou a construir o país, embora não seja reconhecido como tal pela raça que se diz superiora ou pela minoria privilegiada economicamente: a elite.

Por serem esquecidos e isolados nas periferias das cidades ou no caso do sertanejo, no sertão brasileiro, não resta outra alternativa senão ter uma crença para se amparar e buscar respostas ao sofrimento e às suas dificuldades de um modo geral. O maravilhoso (Jacques Le Goff tece uma reflexão sobre o maravilhoso em sua obra: "O Cotidiano e o maravilhoso no Medievo") torna-se uma fuga da realidade em prol da esperança da existência de um Deus justo ou de outras crenças que o façam acreditar que esse sofrimento é passageiro porque não há mais, em sua sociedade, uma solução a buscar ou um caminho a seguir sem os dolorosos obstáculos, como o próprio racismo.

Quando o escritor se refere ao povo humilde dos sertões como "tabaréu" (p.150), pois se deixa influenciar ingenuamente pelos missionários modernos, lembrando que estes não possuem a altivez dos primeiros evangelizadores, os quais aproveitavam-se dos "espíritos ingênuos" (p. 151)

para doutrinar segundo os preceitos da Igreja, ele apenas demonstra o desrespeito às outras culturas e religiões e que a impuseram com o propósito da dominação, os seus costumes e a sua religião, sem respeitar a que já havia no espírito desses homens.

Não obstante, pode-se fazer uma correlação com o pensamento euclidiano, o qual demonstra sua revolta da influência de outras culturas na religião, contrariando a dominação cristã da raça superior, ou seja, dos portugueses, com o pensamento racista, inescrupuloso e autoritário baseados em filosofia e pensamentos equivocados que se baseiam em características biológicas e, portanto, externas, para subjugar uma raça à posição de inferioridade por andar por suas próprias pernas ao se adaptar, por meio do contato a outras culturas, a diferentes modos de vida e, consequentemente, às crenças. E lamenta "infelizmente o apóstolo não teve continuadores" (p.150).

Antônio Conselheiro, para Euclides, é o resultado de características dos seus antepassados, os quais possuíam má índole e desvio de caráter. Mesmo não aparecendo os traços ruins dessa personalidade em alguns familiares, ele absorveu toda espécie de loucura, desvio de personalidade, defeitos, enfim, é um modelo de "atavismo" (p.152). Mais uma vez o racismo se faz presente na obra, pois se constata que o autor julga o líder da Revolta de Canudos um desequilibrado mental, cuja loucura aliada ao meio, acentuou ainda mais o fanatismo dos sertanejos que acreditavam em suas mensagens, previsões e conselhos. Julga-o pelo comportamento e ações dos seus antepassados remotos, fundamentando-se em características genéticas que possivelmente teria recebido, motivo pelo qual "pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva" (p.153). O seu fanatismo psicótico foi acentuado quando absorveu as crenças do meio por onde passou e se tornou aclamado pela massa de ignorantes que o seguiam e o admiravam. Ora, a absorção de crenças de diferentes raças e culturas não deve ser vista como algo negativo. Pelo contrário. Toda e qualquer crença é absorvida pelo homem subjetivamente e de acordo com suas aspirações e realidade.

A Bíblia, por exemplo, pode ser interpretada de diferentes maneiras por diferentes grupos sociais (Sobre a interpretação da religião por diferentes culturas é interessante ler *O Poder do Mito* de Everardo Rocha, editora Brasiliense). Disso resulta algumas religiões existentes no mundo. No sertão não podia ser diferente. Antônio Conselheiro deu esperança de uma vida melhor ao povo nordestino, conduzindo-o à fazenda Belo Monte, mais conhecida como Canudos, onde criou suas próprias regras, pois viviam harmoniosamente, trabalhavam duro e todo que era produzido era dividido igualmente, as decisões eram tomadas com a participação de seus moradores. Em Canudos não havia fome e a desigualdade da sociedade não se fazia presente entre os canudenses, pois se implantou um sistema de vida igualitário, socialista (Terry EAGLETON, Marx, o outro expõe uma crítica inovadora sobre as ideias de Marx acerca do Socialismo).

Quando Antônio Conselheiro faz a sua pregação pelo sertão nordestino, contrariamente às afirmações euclidianas de que é um louco, ele propõe um cristianismo primitivo. O povo lutou pela independência, mas ela não viu ou chegou apenas para que a classe dominante continuasse sua exploração. Viu chegar o 13 de maio, porém, opostamente ao que se pensa, permaneceram na servidão extrema e na miséria, obedecendo às ordens dos senhores de terras. Portanto, o povo

continuou massacrado e foi marginalizado enquanto os ricos ganhavam espaço. O misticismo, no caso, não é uma alienação nem uma consequência da insanidade do Conselheiro, mas a única saída contra a opressão. O povo entende isso e o segue porque não encontra outra alternativa. Não se deve, pois, destacar o caráter místico de Canudos, mas a ideologia social e lúcida em que se baseou seu líder diante da realidade vivida pelos miseráveis e excluídos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa investigação científica sobre o racismo na obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, constata-se que o autor assumiu uma postura racista em relação aos sertanejos diante do episódio ocorrido em Canudos em 1897.

Com seu ceticismo acentuado e influenciado por teorias deterministas, positivistas, evolucionistas e por leituras de escritores da época, Euclides traça o sertanejo como um decadente - incapaz de atingir um grau mais elevado na sociedade da época - dita como civilizada - cuja degeneração se dá em consequência da mistura entre as três raças (branco, negro e índio) e acrescenta que a "mestiçagem extremada é um retrocesso". Ele não se limita a comentários racistas sobre os canudenses, mas baseado na leitura de teorias que, muitas vezes, fê-lo sem maior empenho ou comprometimento devido ao seu trabalho como engenheiro, o que resultou na absorção de um espírito racista equivocado pelo calor das circunstâncias.

Mas também não se limita a comentários racistas sobre os sertanejos, ataca a religião e o misticismo encontrados na cultura do mestiço que, como ele próprio afirmara, é "mestiça", na tentativa de aproximar o caráter inferior de uma raça a suas crenças também "inferiores". Para ele, a religião do sertanejo é resultado de um catolicismo "mal compreendido" e influenciado pela "loucura" de Antônio Conselheiro.

O líder dos canudenses, Antônio Conselheiro, é descrito por Euclides como um homem fanático e mentalmente desequilibrado. É o resultado da própria mestiçagem, portanto, é um "gnóstico bronco". Com isso, o autor de *Os Sertões* não considera as causas reais que geraram o conflito - tanto políticas, religiosas como ideológicas - e fecha os olhos para o sofrimento do povo nordestino e para a opressão sofrida por ele. Durante anos, houve dois Brasis, um onde prevalecia a elite e todo o conforto de uma vida moderna, e outro onde os sertanejos, marginalizados e esquecidos pela sociedade, lutavam por uma situação social melhor em que se prevalecesse menos desigualdades e imbuídos da esperança da salvação divina, pois foi o único caminho que encontraram para percorrer.

Antônio Conselheiro implantou em Canudos o verdadeiro comunismo ou pelo menos se aproximou de uma sociedade mais justa onde todos tomavam as decisões em prol do vilarejo e de uma vida melhor. O conflito ocorreu como pretexto para que a elite mantivesse seu poder e defendesse seus interesses. Os sertanejos, por outro lado, lutaram por uma causa justa em busca da

liberdade, de direitos e de prosperidade porque já não acreditavam mais no sistema social no qual viviam e, inspirados pela religião, lutaram contra aqueles que os oprimiam até o último minuto do confronto sem saber exatamente por que os atacavam.

Canudos foi destruída completamente, mas com ela também o sonho do sertanejo na tentativa de torná-lo sem voz e, portanto, sem história. Mas Canudos jamais será esquecida, pois representa a luta do povo brasileiro que há mais de cinco séculos tenta lutar contra os colonizadores, contra o poder, contra a opressão do povo que tem como ideal, consciente ou inconscientemente, a liberdade e a justiça.

Euclides, no decorrer da descrição do confronto em seu livro, deixa claro que ficou impressionado com tamanha coragem e determinação dos canudenses e, embora descrevera o sertanejo com racismo e preconceito, percebe-se uma transformação em seu pensamento, principalmente na última parte do livro onde se passa a luta e afirma que o sertanejo "é antes de tudo, um forte".

A leitura de *Os Sertões*, portanto, deve ser feita atentamente para que se perceba o dinamismo com que os fatos são narrados. *Os Sertões* é uma obra viva e como tal deve ser interpretada no decorrer das palavras de seu autor, pois através dele toda sociedade brasileira, e por que não dizer o mundo, pode conhecer um pouco sobre a Revolta que marcou a história brasileira no final do século XIX e se deparar com uma obra histórica, filosófica, antropológica, geográfica, sociológica elaborada com talento e arte, todavia que está impregnada de racismo, tema tão carente de intérpretes na obra euclidiana.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. ***História Concisa da Literatura Brasileira***. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. ***O Racismo na História do Brasil***. 8ª ed. São Paulo, Ática, 2001.
- CHIAVENATO, Júlio José. ***As Lutas do Povo Brasileiro: do descobrimento a Canudos***. 11ª ed. São Paulo, Moderna, 1988.
- CITELLI, Adilson. ***Roteiro de Leitura: Os Sertões de Euclides da Cunha***. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1998.
- COSTA LIMA, Luiz. ***Euclides da Cunha: Contrastes e Confrontos do Brasil***. 1ª ed. Rio de Janeiro, PETROBRAS, 2000.
- CUNHA, Euclides da. ***Os Sertões***. 1ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- . "A Nossa Vendéia", 2ª parte (1897). In: Afrânio Coutinho, *Obras Completas*, v. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1966.
- DOS SANTOS, Joel Rufino. ***O que é Racismo***. 13ª ed. São Paulo, Brasiliense, s/d.
- HERSKOVITS, Melville J. ***Antropologia Cultural***. 8ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1973.
- LE GOFF, Jacques. ***O cotidiano e o maravilhoso no medievo***. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MERQUIOR, José Guilherme. ***De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira***. 3^a ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996.

PEIXOTO, Afrânio. (1911) “**Euclides da Cunha: o homem e a obra. Discurso de recepção na Academia Brasileira**”. In: Luiz Costa Lima, *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*, Rio de Janeiro, PETROBRAS, 2000.